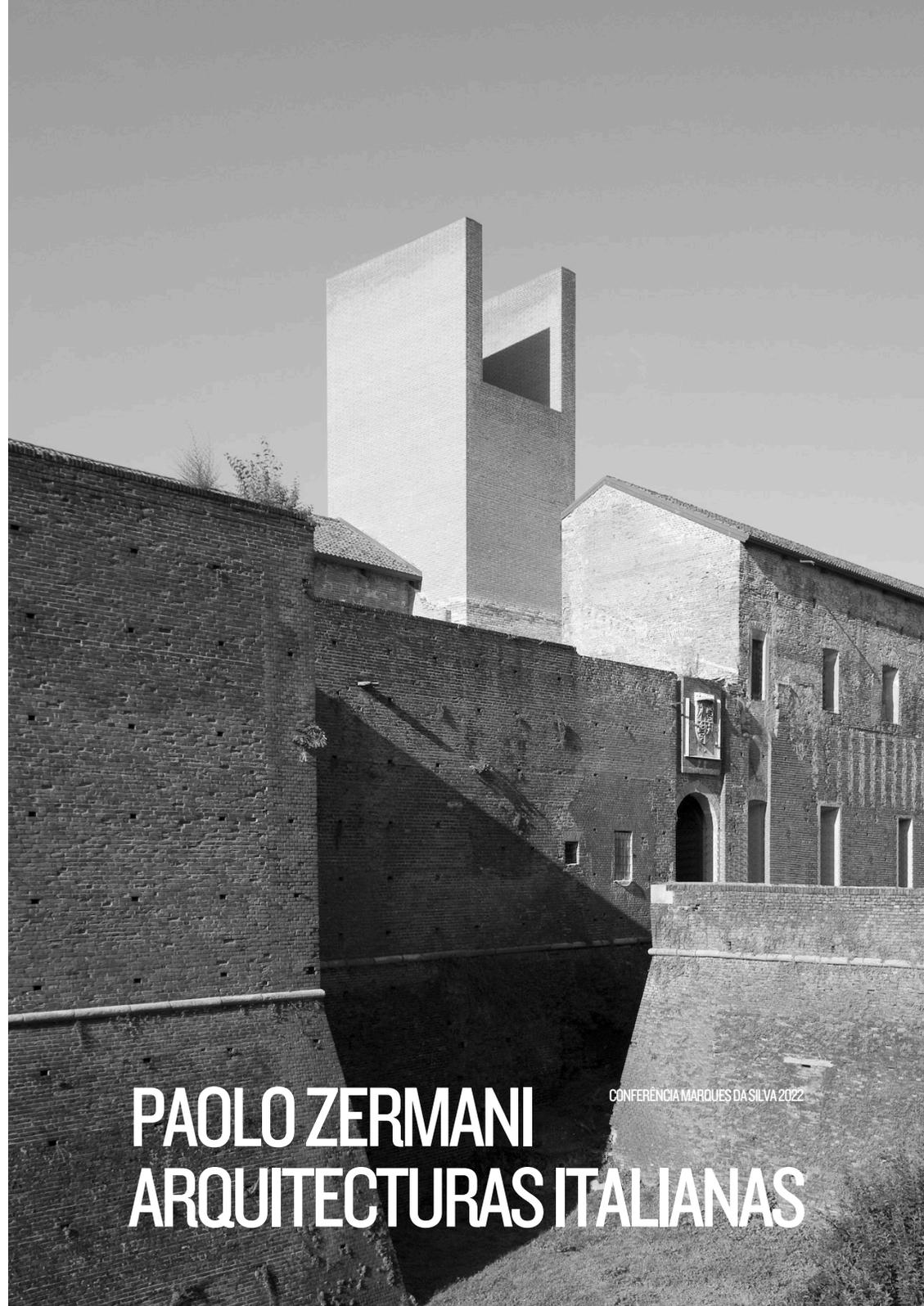


Paolo Zermani (Medesano, 1958) é, desde 1990, Professor Catedrático da Faculdade de Arquitetura de Florença, onde leciona a disciplina de Composição Arquitetónica. Desde 2015, lecciona ainda Projeto na Academia de Arquitetura de Mendrisio. É diretor do Mestrado *Museo Italia*, membro da Accademia di S. Luca, fundador dos Seminários *Identità dell'architettura italiana* e diretor da revista *Firenze Architettura*. É presença habitual na Bienal de Arquitetura de Veneza e na Trienal de Milão. Entre a sua obra escrita destacam-se publicações como *Identità dell'architettura Vol. I e II* (1995 e 2002), *Oltre il muro di gomma* (2010), *Architettura: luogo, tempo, terra, luce, silenzio* (2015) e *Fondamenta* (2021). A sua obra de arquitetura encontra-se publicada nas principais revistas internacionais. Entre os projetos mais recentes, refiram-se o restauro e reconstrução do Castelo de Novara, a reabilitação arquitetónica da Basílica de S. Andrea, em Mântua, a Escola Europeia, em Parma, e a nova saída das Capelas dos Medici, em Florença. Em 2018, a Accademia Nazionale dei Lincei atribuiu-lhe o Prémio Antonio Feltrinelli para a Arquitetura.



Em Itália, cada pedaço de terra que cavamos guarda o que resta do corpo e das ações dos homens que viveram nos séculos precedentes àquele em que nos encontramos.

Esta terra é, portanto, sagrada.

O que é que nos permite esquecer este facto?

É sobre esta consideração, profundamente intrínseca à condição italiana e, regra geral, extensível ao contexto ocidental, que se desenvolve esta comunicação.

A deriva estética e ética do nosso tempo, que não poupa a arquitetura e que nos propomos confrontar, tem a sua origem numa interpretação adulterada e instrumental da modernidade, devido a uma falsa adesão às temáticas ambientais, a uma entrega indevida às tecnologias e, sobretudo, a uma subjugação que se tornou acrítica às exigências da economia de mercado.

Uma imagem geral de superficialidade, que se constata, tem pautado as últimas décadas da sociedade ocidental, mas também de outras sociedades em rápida expansão, impreparadas, e daquelas que se encontram em vias de desenvolvimento, indefesas, privando assim a arquitetura de toda e qualquer autonomia disciplinar, e tem contribuído para a desoladora destruição da paisagem que se oferece ao nosso olhar.

Estas expressões não geram nenhuma condição de modernidade, mas tão só pretensas afirmações de “pertença ao seu tempo” que representam, na verdade, a sua pior faceta e debilidade civil e moral.

É, no mínimo, desconcertante constatar esta situação também em Itália, um país que, de facto, preserva há séculos, entre repetidas sobreposições, a medida da arquitetura e da cidade europeia.

O reconhecimento desta topografia que pertence, desde a época romana, a uma história tantas vezes interrompida e, todavia, acumulada numa estratigrafia complexa e identificável, é o terreno sobre o qual pode inserir-se a medida da nossa modernidade.

Torna-se evidente como, desde o Ano Mil, a revolução da modernidade, consequência de séculos de assustadora crise que se sucederam ao ordenado, global e abrangente sistema preciso da organização romana, foi coincidente com a supressão do limite, enquanto sistema intransponível que tinha favorecido uma grandeza em formas fechadas.

A nova organização do trabalho e a nova ciência, que surgem a partir do século XI, abandonaram uma ideia de ciclicidade e de permanência, fixando a insatisfação como o novo horizonte do homem contemporâneo; um caminho que incluía a possibilidade de falha e de regressão, em conformidade com uma intermitência da história que se tornou uma marca habitual do Ocidente.

Contudo, neste contexto, entre esse momento específico e o século XIX, a transformação induzida pela tecnologia e implementada pela civilização europeia sem a clara malha protetora das referências gregas ou romanas, promoveu, em alternativa, um desenvolvimento conceptual dos princípios antigos na filosofia, no direito, na arte, estabelecendo um reduto genético ainda fortemente condicionador das tempestuosidades provocadas pela passagem do tempo.

Trata-se de uma “simetria de abandono e de revitalização”, nunca de repetição, posta em prática através de um persistente cruzamento entre antigo e novo.

Através desta descrição, tornou-se possível definir até agora o perfil identificativo do Ocidente na longa duração, mesmo no magma da atual conjuntura.

Hoje, nesta nova instabilidade causada pela extraordinária evolução das tecnologias da comunicação e pela conseqüente globalização do mercado e de hábitos, achamos inapropriado responder a estas condicionantes com gestos imaturos, no que seria uma aceitação acrítica.

Vinte séculos de experiências acumuladas deveriam ter-nos ensinado que a confiança no sistema aberto e imperfeito da entrega ao tempo presente não é menos infantilmente ingénuo do que a confiança extemporânea no sistema fechado e perfeito da antiguidade, que ainda nos fascina.

No seu pequeno livro *La flamme d'une chandelle* [A chama de uma vela], Gaston Bachelard lembra-nos como, por muito tempo, sobre a mesa de cada sábio, “ao lado dos objetos aprisionados nas suas formas, ao lado dos livros que instruem lentamente, a chama da vela convocava pensamentos sem medida, suscitava imagens sem limite”.

A similitude da chama não significa simplesmente - quando aplicada à arquitetura - um exercício de uma possível *réverie*. Na chama, tal como na arquitetura, deve existir um duplo fogo, um mais forte que consome o outro, “mas nessa chama que sobe existem duas chamas: uma branca, que brilha e clareia, com uma raiz azul na ponta; outra vermelha, ligada à madeira e ao pavio que ela queima. A branca sobe diretamente para o alto e, em baixo, permanece firme a vermelha, sem se desprender da matéria, providenciando os meios para a outra arder e brilhar.” Neste universo de valores que confere sentido e significado a coisas até então consideradas insignificantes, a transformação, não apenas temporal, mas substancial, da chama vermelha em chama branca, adquire sentido. A chama branca deve extinguir a matéria que a nutre e alimenta. Vida e morte podem ser, aqui, colocadas lado a lado.

A chama simples de uma vela exemplifica bem este destino.

Como escreveu Faraday, na sua *História Química de uma Vela*, pode-se sempre reacender a chama apenas soprando o vapor, somente o vapor.

Não podemos deixar que a chama adormeça.

É a partir desta consciência que, enquanto arquiteto, posso continuar a abordar o projeto e a tentar comunicar o seu significado.

Nesta senda, lugar, tempo, terra, luz, silêncio, podem indicar um sentido biunívoco, percorrível nos dois sentidos e no qual se reconhece sempre o mistério da arquitetura.

O “novo início”, já evocado por Heidegger, lança-nos o desafio, a cada dia, a nós, habitantes conscientes do Ocidente, de assumir a responsabilidade de uma condição do pensamento, também arquitetónico, que nos liberte do “pensamento calculista” e nos conduza ao “pensamento rememotório” que apenas a arte e a poesia nos podem proporcionar.

É esta perspectiva de fazer arquitetura que as obras que vou apresentar ao longo desta conferência oferecem; obras inseridas na paisagem italiana, enquanto paradigma da paisagem ocidental, numa vontade de voltar a plantar sem arrependimento.

Outubro 2022, Paolo Zermani

(trad. Paula Abrunhosa)